

POESIA, MORTE E CONTEMPORANEIDADE

André Borges Meyerewicz*

RESUMO:

Este ensaio busca investigar um diálogo entre a condição da morte na cultura ocidental contemporânea e alguns poemas da poeta mineira Adélia Prado.

PALAVRAS-CHAVE: *Adélia Prado, poesia, morte, contemporaneidade, cultura ocidental, troca simbólica.*

Na cultura ocidental contemporânea, vida e morte sempre estiveram em oposição. A morte se liga a idéias de finitude, fracasso, doença, final de uma jornada, enquanto a vida se liga a idéias de vitória, saúde. As imagens de ossos e podridões se encontram dissociadas das imagens de corpos em movimento. Os mortos parecem estar cada vez mais afastados do espaço reservado aos vivos, numa tentativa de se afastar a morte da vida. De acordo com Jean Baudrillard (1996), outras culturas não conhecem essa oposição distintiva entre a vida e a morte em proveito da vida como positividade: a vida como acumulação, a morte como vencimento. Sendo assim, toda nossa cultura não passa de um imenso esforço de dissociar vida da morte.

Ainda segundo Jean Baudrillard, a morte, essa que conhecemos, nasce no século XVI, perdendo sua dimensão alegórica presente nas imagens da foice e nos jogos macabros da Idade Média. O Cristianismo transforma-se com o decorrer dos tempos e nos lega uma idéia na qual corpo e alma se encontram em oposição – o corpo pode ser a culpa e a prisão; a alma o perdão e a libertação. O corpo se torna um fato bruto, objetivo, um "objeto ruim" feito para o prazer e para a angústia – em função da alma, o corpo se torna essa "realidade" que só existe porque está fadado à morte.

* Mestre em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Teoria da Literatura), 2003.

Na cultura contemporânea, a morte pode ser representada pela imagem metaforizada de uma máquina e do seu funcionamento: uma máquina funciona ou não funciona, assim como a máquina biológica está morta ou está viva. Mesmo a Biologia cria a metáfora do percurso quando admite que começamos a morrer tão logo nascemos. A mesma Biologia supõe fundamentalmente a dualidade corpo-alma. Vivemos, enfim, em uma espécie de pensamento evolucionista que diz que vamos da vida à morte.

Tomando como ponto de partida o pensamento de Jean Baudrillard e levando em consideração que a obra de Adélia Prado está sendo produzida no momento presente de uma tradição cristã, farei neste ensaio, uma pequena investigação sobre um diálogo entre o "imaginário" contemporâneo da morte em nossa cultura e alguns poemas de Adélia Prado. Pode-se dizer que, no decorrer da obra poética adeliânica, muitos são os poemas que possibilitam esse diálogo; e muito diferentes são os olhares que a poeta lança para essa condição da morte no mundo ocidental. Às vezes, poemas expressam sentimentos de revolta, raiva pela consciência de tal condição humana; às vezes expressam uma certa consternação, aceitação e, até ironia.

Segundo Philippe Ariès (1977), a morte, na cultura ocidental contemporânea, assume, a partir do século XIX, a condição de um tabu. Essa época assistiu a uma revolução brutal nas idéias e nos sentimentos tradicionais: a morte, tão presente e familiar no passado, torna-se vergonhosa e objeto de interdição. Para se deter nesse momento revolucionário localizado na segunda metade do século XIX, Philippe Ariès constrói, em seu texto, uma espécie de história dos cemitérios franceses, história essa que revela a mudança de atitudes perante a morte. O processo de interdição à morte nas sociedades industriais, a partir do século XIX, ocorre, segundo Philippe Ariès, numa tentativa de se escamotear a morte, considerada feia e ameaçadora a uma vida saudável e feliz. O espírito científico iniciado no século XVIII traz para o século XIX e XX a perspectiva da morte como a vitória sobre uma doença, ou acidente. Entre 1930 e 1950 essa visão se precipita devido ao fenômeno de mudança do lugar da morte: cada vez se morre menos em casa e sim no hospital; a morte se transforma em um fenômeno técnico, dividida, parcelada numa série de pequenas etapas entre as quais não se sabe exatamente qual é a verdadeira morte. Na condição de simples final de jornada, ou vista como final de uma doença, a morte torna-se assunto embaraçoso, complicado de lidar, tornando-se enfim um tabu. Segundo

Ariès, há nas sociedades industriais uma espécie de ideal de felicidade e a morte aparece com a face da ameaça a tal felicidade. Além disso, a sensação de fracasso é característica das sociedades industriais: o homem comum trabalhador muitas vezes convive com a sensação de fracasso e não realização de desejos e aspirações – a morte se associa à sensação do fracasso, tornando-se ameaçadora a um ideal de felicidade.

Faz-se ainda necessário, neste ensaio, um outro olhar que norteia a condição da morte na sociedade ocidental cristã contemporânea: esse não se fará mais por uma perspectiva histórica mas sim por uma perspectiva filosófica; para tal, retorno às idéias de Jean Baudrillard (1996), que se apóiam no conceito filosófico de "Troca Simbólica".

Segundo Jean Baudrillard, houve uma "evolução" irreversível das sociedades selvagens às modernas: os mortos deixaram de existir, sendo rejeitados e jogados para fora da circulação simbólica do grupo. Os mortos foram proscritos e enterrados em cemitérios cada vez mais afastados, não havendo mais para eles, nas cidades modernas, nem espaço físico nem mental. Segundo uma lei de equivalência simbólica (uma lógica indestrutível da troca simbólica), os mortos encurralados condenam os vivos a uma morte equivalente que é o reconhecimento da vida como uma sobrevivência determinada pela morte.

Ao comparar as sociedades contemporâneas com as primitivas, Jean Baudrillard afirma que as sociedades primitivas (onde tudo se dá pela coletividade) não lidam com a morte no seu sentido biológico, pois tudo que é da ordem da natureza não pode ser trocado simbolicamente, representando uma espécie de perigo; se a morte é definida como uma relação, pode-se dizer que sua definição é social. A morte, na ordem primitiva, se dá em uma troca: os que morrem são entregues a entidades sobrenaturais em troca de fartura, chuva, saúde... As sociedades contemporâneas dissocializaram a morte ao revertê-la a leis e conhecimentos das ciências. A lógica da troca simbólica dá à realidade da vida, nas sociedades contemporâneas, a constante presença ameaçadora da morte.

Segundo Jean Baudrillard, a morte (essa que conhecemos atualmente) nasceu no século XVI; "perdeu a foice, o relógio, os cavaleiros do apocalipse, os jogos macabros e toda uma festa por cujo intermédio a morte era trocada (não com a

eficácia simbólica dos primitivos mas ao menos como fantasma coletivo no frontão das catedrais)". Ela deixa de ser a "grande ceifeira", tornando-se a grande angústia. Isso é atribuído à desintegração das comunidades tradicionais cristãs e feudais pela razão burguesa e pelo sistema nascente da "Economia Política". No modo capitalista, instaura-se a idéia de acumulação de tempo, a ciência impõe a idéia de conhecimento verdadeiro, e o que se acumula não se troca mais simbolicamente. Nesse pensamento, a cultura não passa de um grande esforço de dissociar a vida da morte em benefício da vida como valor: há uma oposição distintiva entre a vida e a morte em proveito da vida como positividade – a vida como acumulação, a morte como vencimento. Agora ela é percebida como biológica e irreversível, sua representação é a de uma máquina biológica (que funciona ou não, que está viva ou não) e percebe-se na vida um processo que encontra na morte seu vencimento.

Para finalizar a abordagem da questão da morte na cultura contemporânea (e também para me introduzir no diálogo entre a condição da morte e a literatura) busco ainda em Walter Benjamin algumas considerações que estão, de certo modo, em uníssono com o pensamento de Jean Baudrillard. Em seu ensaio "O Narrador – Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov", o filósofo discorre, dentre outras coisas, sobre um percurso da narrativa na história literatura. Das narrativas orais de narradores anônimos que narravam sobre suas viagens ou de narradores que contavam sobre suas histórias e tradições, dos contos de fadas, lendas, novelas, passando por *Dom Quixote* (considerado como o primeiro grande livro do gênero romanesco), Benjamin percebe no surgimento do romance do período moderno o indício de uma evolução que vai culminar na morte da narrativa. Não é meu interesse aqui aprofundar a questão da morte da narrativa, mas sim extrair do ensaio o olhar de Walter Benjamin sobre a idéia de morte nas sociedades industrializadas:

"No decorrer dos últimos séculos, pode-se observar que a idéia de morte vem perdendo, na consciência coletiva, sua onipresença e sua força de evocação. Esse processo se acelera em suas últimas etapas. Durante o século XIX, a sociedade burguesa produziu, com as instituições higiênicas e sociais, privadas e públicas, um efeito colateral que inconscientemente talvez tivesse sido seu objetivo principal: permitir aos homens evitarem o espetáculo da morte. Morrer era antes um episódio público na vida do indivíduo e seu caráter era altamente exemplar. (...) Hoje a morte é cada vez mais expulsa do universo dos vivos. Antes não havia uma só casa e quase nenhum quarto em que não tivesse morrido alguém. Hoje, os burgueses vivem em espaços depurados

de qualquer morte, e quando chegar sua hora, serão depositados por seus herdeiros em sanatórios e hospitais." (BENJAMIN, 1985: 207)

Ao tocar em tal mudança de atitudes e pensamentos que se referem a mudanças seculares nos modos de produção e modos sociais, Walter Benjamin afirma que no momento da morte, o saber, a sabedoria e a experiência vivida desfilam em inúmeras imagens na mente de quem morre. Essa é a mesma substância de que são feitas as histórias.

A partir do que foi dito, detenho-me em dois poemas de Adélia Prado que dizem sobre a condição de oposição entre morte e vida. Começo pelo poema "Sensorial":

Obturação, é da amarela que eu ponho.
Pimenta e cravo,
mastigo à boca nua e me regalo.
Amor, tem que falar meu bem,
me dar caixa de música de presente,
conhecer vários tons para uma palavra só.
Espírito, se for de Deus, eu adoro,
se for de homem, eu testo
com meus seis instrumentos.
Fico gostando ou perdôo.
Procuro o sol, porque sou bicho de corpo.
Sombra terei depois, a mais fria.

(Bagagem)

Nele, o eu-lírico revela vários signos que possuem, de um modo geral, a vida como objeto: colocar obturação amarela, prazer ao mastigar pimenta e cravo, ouvir a fala da pessoa amada e ganhar caixa de música de presente, testar os homens, adorar a Deus, procurar o sol. A imagem "bicho de corpo" intensifica a materialidade, o homem na condição de animal vivo que necessita do calor solar. Em oposição, o objeto morte se impõe aos da vida: a sombra mais fria. O calor do sol que aquece o bicho de corpo se encontra em oposição à sombra mais fria, que restará depois da morte. Nesse sentido, pode-se perceber no poema a oposição distintiva entre a vida e a morte em proveito da vida como positividade, conforme nos diz Jean Baudrillard.

Quanto ao aspecto formal, apesar de ser constituído por apenas uma estrofe, pode-se dizer que o poema apresenta uma dualidade: vários são os versos que falam sobre a vida como positividade. Tais se versos se opõem a um verso – o verso final – que mostra a morte como finitude. No meu entender, tal estrutura reafirma a questão da vida em oposição à morte na sociedade contemporânea ocidental.

Já o poema "Resumo" mostra a oposição por meio de uma resignação:

Gerou os filhos, os netos,
deu à casa o ar de sua graça
e vai morrer de câncer.
O modo como pousa a cabeça para um retrato
é o da que, afinal, aceitou ser dispensável.
Espera, sem uivos, a campa, a tampa, a inscrição:
1906 - 1970

SAUDADE DOS SEUS, LEONORA.

(*Bagagem*)

O eu-lírico, ao mostrar a morte como finitude e final de uma jornada, diz sobre Leonora (1906 – 1970) que gerou filhos, netos e vai morrer de câncer. O retrato de Leonora revela sua resignação à condição de morte – aceitou ser dispensável; eis a condição social reservada a ela. Ironicamente, o eu-lírico diz sobre a espera resignada, sem uivos: a campa, a tampa e a inscrição – Saudade dos Seus Leonora. Esse poema enfatiza a condição de morte dada pela cultura ocidental: o vencimento e a dispensabilidade. O sentimento de saudade se expressa unicamente pela inscrição.

Ao afirmar a causa da morte de Leonora, o câncer, o poema diz a morte também pela perspectiva do conhecimento científico: sabe-se da doença fatal. Tal perspectiva revela, no poema, o que diz Baudrillard: as sociedades contemporâneas dissocializaram a morte ao revertê-la a leis e conhecimentos das ciências. A morte é percebida como biológica e irreversível, sua representação é a de uma máquina biológica (que funciona ou não, está viva ou não) e percebe-se na vida um processo que encontra na morte o seu vencimento.

Na obra poética de Adélia Prado, no entanto, várias abordagens sobre o tema da morte revelaram-se. Em alguns poemas, a morte se apresentava como a condição de finitude do corpo, em outros, por uma perspectiva religiosa. A relação entre morte e erotismo também se evidenciou em vários poemas, e além dessas abordagens, poemas ainda falavam da morte de membros da família (mãe, irmã, pai), enquanto outros sugeriam a imagem da morte que, como adubo, alimenta a vida. A dissertação *Signos da Vida e da Morte na Poesia de Adélia Prado* buscou investigar a presença da morte na obra poética da poeta mineira a partir de três perspectivas: a condição da morte na cultura ocidental contemporânea, morte e erotismo, morte e religiosidade.

ABSTRACT:

This study aims to examine the presence of death in the poetry of Adélia Prado, focusing the conditions of death in the contemporary Western culture.

KEY WORDS: *Adélia Prado, poetry, death, contemporary Western culture.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. 9. ed. São Paulo: Siciliano, 1999.

ARIËS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BARBOSA, João Alexandre. *As Ilusões da modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

BAUDRILLARD, Jean. *A Troca Simbólica e a Morte*. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

BECKER, Ernest. *A Negação da Morte*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. in: *Magia e Técnica, Arte e Política*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BLANCHOT, Maurice. *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.